

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO ANARQUISTA: UMA PROPOSTA
LIBERTÁRIA PARA O SÉCULO XXI.**

FERNANDA GONZAGA

Novembro/ 2005

**EDUCAÇÃO ANARQUISTA: UMA PROPOSTA
LIBERTÁRIA PARA O SÉCULO XXI.**

FERNANDA GONZAGA

Orientador(a) Dr^a Ângela Maria Souza Martins

Monografia de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura
plena em Pedagogia.

Novembro/ 2005

DEDICATÓRIA

DEDICO ESTE TRABALHO ÀS DUAS PESSOAS MAIS (
IMPORTANTE DA MINHA VIDA.
PRIMEIRAMENTE A DEUS, PELO SIMPLES FATO DE
EXISTIR E TER A OPORTUNIDADE DE REALIZAR MAIS UM
SONHO.
E EM SEGUNDO À MINHA MAMÃE, QUE ME (
PROPORCIONA A CADA DIA UMA MOTIVAÇÃO PARA
SEGUIR EM FRENTE, ALÉM DE SER MINHA FIEL AMIGA EM
TODOS OS MOMENTOS.
AMO VOCÊS!

AGRADECIMENTO

\ A MINHA MÃE, PELO AMOR CONSTANTE; |
A MINHA AVÓ, PELA DEDICAÇÃO DE TODOS OS ANOS; |
A MINHA ORIENTADORA ANGELA, PELO CARINHO E A |
FORÇA; |
AOS MEUS AMIGOS, PELA COMPREENSÃO; |
E PRINCIPALMENTE A DEUS, POR TUDO QUE TEM |
REALIZADO EM MINHA VIDA. |

*(...) Procuo despir-me do que aprendi,
Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu...
O essencial é saber ver.
- Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!)
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender...
(ALVES, 2001, p.28/29)*

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo, analisar a proposta educacional dos anarquistas no início do século XX, tendo como base a proposta de educação libertária, procurou-se a partir desse trabalho encontrar algumas concepções para uma nova proposta educacional no século XXI. Com os levantamentos de diferentes informações sobre a proposta educacional do movimento anarquista, algumas indagações surgiram para o desenvolvimento desse trabalho. Desde então, buscou-se analisar as propostas educacionais do movimento anarquista e suas concepções para a formação do educando. Para tal, foi realizada pesquisa metodológica de caráter histórico, buscando fontes documental e bibliográfica que ~~x~~ fornecesse subsídios sobre as escolas anarquistas. Apesar das dificuldades na pesquisa de campo, devido a escassez na memória e nos registros históricos da sociedade brasileira sobre as concepções da educação anarquista, foi relevante a busca de bibliografia que auxiliasse no desenvolvimento desse projeto. Segundo Nicolas Walter (2000), o movimento anarquista há mais de 100 anos vem propondo uma relação educacional baseada nas concepções libertárias. A sociedade esperada pelos anarquistas é uma sociedade livre, igualitária, solidária e autogestionária. A partir desses pressupostos, a proposta educacional do anarquismo busca, em toda sua história, desenvolver um indivíduo que vise uma sociedade livre e autônoma. A formação do educando, de acordo com a proposta anarquista, fundamenta-se na conscientização crítica e na mudança de valores e costumes vigentes em nossa sociedade, que sempre foi excludente. O interesse maior do movimento anarquista é despertar a sociedade de uma consciência domesticada e instaurar uma consciência livre, crítica e revolucionária, onde todo e qualquer meio de educar o povo, tenha um objetivo primordial que é a revolução social. Para os anarquistas, a mudança de valores era importante para desencadear a transformação da consciência humana. E essa revolução só se torna possível através da educação. A partir da análise bibliográfica sobre uma escola que trabalha com uma visão libertária, pode-se constatar que a educação é caminho a qual percorre toda experiência individual e coletiva. Acredita-se, assim, que a proposta de educação libertária é importante e pode auxiliar futuras gerações a construir uma consciência mais crítica e coletiva, porém é necessário aprender a ser livre com equilíbrio, para efetivamente desenvolver uma sociedade autônoma e consciente dos seus direitos e deveres.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA.....	9
3. UMA PROPOSTA LIBERTÁRIA EM EDUCAÇÃO.....	16
4. A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NO SÉCULO XXI.....	24
5. CONCLUSÃO.....	33
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	37

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia é fruto de uma pesquisa realizada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Ela nasceu juntamente com a pesquisa "História das Escolas Anarquistas no Rio de Janeiro", cuja coordenadora é a professora doutora Angela Maria Souza Martins. O interesse por esse tema surgiu a partir da minha participação como pesquisadora do grupo.

Com o levantamento de fontes primárias e secundárias sobre a proposta educacional do movimento anarquista no início do século XX, algumas indagações surgiram para o desenvolvimento desse trabalho. Desde então, buscamos incessantemente, analisar as propostas educacionais do movimento anarquista e suas concepções para a formação do educando. Procuramos, a partir desse trabalho, encontrar algumas concepções para uma nova proposta educacional no século XXI.

Realizamos uma pesquisa de caráter histórico, buscando fontes documental e bibliográfica que forneceram subsídios sobre as escolas anarquistas. Apesar das dificuldades na busca de fontes, devido a escassez dos registros históricos na sociedade brasileira sobre a educação anarquista, foi relevante a busca por bibliografia e documentos que nos auxiliassem no desenvolvimento desta monografia. Encontramos uma biblioteca, organizada por um grupo de anarquistas contemporâneos, a "Biblioteca Fábio Luz", localizada na Rua Torres Homem, 790 em Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Nessa Biblioteca localizamos um acervo histórico sobre as influências e o surgimento do movimento anarquista no Brasil.

Pretendemos aprofundar o conhecimento do movimento anarquista e a trajetória das escolas anarquistas no Brasil, no que diz respeito ao alcance da proposta pedagógica do movimento. Com base em alguns autores que influenciaram e ainda

influenciam o movimento anarquista no Brasil, como Ferrer y Guardia, Maurício Tragtenberg, Flávio Luizetto, Nicolas Walter, Sílvio Gallo, Bakunin, Neiva Kassick e George Woodcock, buscaremos fazer um levantamento geral das influências e compreender como se desenvolveu o movimento anarquista no Brasil, nas primeiras décadas do século XX.

O presente trabalho monográfico apresenta três capítulos. O primeiro tece algumas considerações sobre as concepções que embasam o movimento anarquista. O segundo apresenta a proposta de educação libertária adotada pelos anarquistas. O terceiro analisa a relevância da proposta libertária para a educação do século XXI, tendo como objeto de análise o trabalho proposto pela Escola da Ponte em Portugal.

Considerando que o educador tem um papel de extrema importância nos primeiros anos de formação educacional, verificaremos no presente trabalho como as influências político-pedagógicas interferem na vida do educando e como o educador, em suas práticas pedagógicas, contribui para tais influências.

Sendo a escola um espaço também de transformação, verificaremos no presente trabalho monográfico como se efetivou a proposta de escola anarquista no sentido de desconstruir a ideologia dominante. Percebendo, assim, até que ponto as diferentes tendências políticas e educacionais aplicadas na educação se solidificam, no sentido de contribuir para a transformação ou permanência de uma determinada influência ideológica.

Com isso, buscamos compreender que tipo de cidadãos os anarquistas buscavam formar em suas escolas, com a intenção de transformar a sociedade.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA

No Brasil, nas três primeiras décadas da República, três correntes ideológicas se confrontam, em seus esforços para organizar a classe operária e para conduzir o movimento operário em sua luta por melhores condições de vida e trabalho. São elas: as correntes anarquistas, em especial através da vertente anarco-sindicalista; a corrente socialista reformista e a corrente amarela ou trabalhista. Na disputa entre essas três correntes ideológicas que se propõem organizar a classe trabalhadora, vence a corrente anarquista, que conquista posição hegemônica no interior do movimento operário brasileiro, no início do século XX.

Em meio às tensões, nas primeiras décadas do século XX, a cidade do Rio de Janeiro, foi palco de grande desempenho do movimento anarquista. Segundo Addor (2002), o pensamento anarquista propõe o seguinte: primeiro, a autoridade é desnecessária, pois qualquer forma de autoridade é nociva, prejudicial aos interesses dos indivíduos e das comunidades e a militância deve ser resultado de uma opção de soberania individual.

O movimento anarquista valoriza a simplificação da vida, a convivência em pequenas comunidades. Um exemplo é a experiência, no Brasil, da Colônia Cecília, no Paraná, no final do século XIX.

“Para os anarquistas, o homem deveria viver com recursos apenas suficientes para lhe garantir a satisfação de suas necessidades, e, ao mesmo tempo, ter disponibilidade para o cultivo da mente, da sensibilidade, da ciência, para a criação e a fruição da arte”.
(ADDOR, 2002, p.65)

Recusando a luta política institucional, o anarquismo propõe como estratégia de ação a luta econômica e a luta ideológica. As táticas de luta que eles escolhem são as greves, os boicotes, as sabotagens, os comícios e as manifestações públicas

diversas. A luta econômica é feita pela conquista de reivindicações mais imediatas, para melhores condições de vida e de trabalho. A luta ideológica é uma intensa e sistemática campanha de denúncia da moral burguesa, dos valores burgueses, da autoridade, do Estado, da Igreja aliada ao Estado na opressão.

Um grande marco do movimento operário foi a insurreição anarquista no Rio de Janeiro, que desencadeou a greve geral de 18 de novembro de 1918, no Campo de São Cristóvão. Seus objetivos eram a concretização da utopia libertária e possibilitar a revolução social.

“(...) a greve insurrecional de novembro de 1918 no Rio de Janeiro – movimento que, apesar de não ter nenhuma viabilidade de êxito, constituiu a primeira tentativa planejada e empreendida por setores da classe e do movimento operário no Brasil de realizar a Revolução Social, construir uma sociedade livre e igualitária, concretizando, dessa forma a utopia libertária(...)” (ADDOR, 2002, p.146).

A insurreição anarquista no Rio de Janeiro foi aniquilada, os operários retornaram derrotados, sem conquistar nenhuma das reivindicações pretendidas. Podemos constatar_x que o interesse maior do movimento anarquista era despertar a sociedade de uma consciência domesticada e instaurar uma consciência livre, crítica e revolucionária. O movimento anarquista ^{procura} busca com a autogestão, uma alforria dos poderes centralizados, buscando enfim uma liberdade de expressão e decisão social. *“O combate não parará nunca, porque a liberdade e a igualdade não são ‘naturais’, mas adquiridas. Ou sobretudo conquistas para serem partilhadas”* (Trindade)¹.

Alguns autores abordam a questão dos jornais operários utilizados dentro de sala de aula_x como fonte de análise de estudo e divulgação das idéias anarquistas. Percebemos, então, que o movimento anarquista procura, a todo momento,

¹ consultado no artigo do site: <http://www.franciscotrindade.com/pr/pr.htm>

organizar e conscientizar a população para uma revolução da mentalidade existente. É importante ressaltar os meios e fins do pensamento libertário no encaminhamento da revolução social, pois todo e qualquer meio de educar o povo, tinha um objetivo primordial: a revolução social. Revolução que deveria acabar com a exploração do homem pelo homem, por meio de uma nova organização que fosse capaz de realizar um trabalho produtivo, cooperativo, solidário e autogestionário.

Para o movimento anarquista é possível, por meio da educação, alcançar a mudança da consciência humana e dos valores sociais. O objetivo primordial da educação anarquista pode ser resumido nas palavras do Comitê Paulista para o ensino racionalista, que diz:

“(...) provocar junto com o desenvolvimento da inteligência, a formação do caráter, apoiando toda a concepção moral sobre a lei da solidariedade(...) fazer da criança um homem livre e completo, que sabe porque estudou, porque refletiu, porque analisou, porque fez de si mesmo uma consciência própria” (KASSICK, Apud, LUIZETTO, 1982, p.70).

A educação anarquista busca desenvolver o homem de modo integral, para que ele se descubra como um indivíduo livre e, ao mesmo tempo, se veja como um ser social. O objetivo da educação anarquista é a liberdade, para que se possa formar indivíduos livres, conscientes, capazes de uma vida solidária em sociedade, que lutem pela liberdade de todos.

A proposta pedagógica do anarquismo foi vista pela sociedade nas décadas de 1910 e 1920 como uma pedagogia anticlerical, antiestatal e amoral, baseada em um ideário não hierarquizante.

O anarquismo é uma ideologia política que tem como objetivo principal a revolução social e a mudança de valores, no sentido de acabar com a exploração do

homem pelo homem. Dentro do movimento anarquista, os valores e a responsabilidade são pressupostos básicos. Para os anarquistas, a mudança de valores era importante para desencadear a transformação da consciência humana.

Podemos definir o movimento anarquista como:

(...)
"O movimento anarquista é, pois, uma ação de grupos anarquista, em conjunto ou separadamente, composto por células orgânicas, comunas, grupos, centros de estudos, uniões e federações. (...) é ação de indivíduos que se opõem e dão combate ao capitalismo, almejando o fim do Estado e a reconstrução de uma nova ordem social, descentralizada horizontalmente e autogestionária. Ele vai além de uma luta de classes ou pretende instalar os governados no lugar dos governantes, objetivando desta forma acabar com as classes." (OLIVEIRA, 2004, p.35)

Eles buscavam a implantação de uma nova organização que é a autogestão, tendo como princípio a comunidade, cuidando diretamente de seus próprios deveres e interesses. Mas para isso deve haver uma ampla liberdade de organização, sem leis e hierarquias. De acordo com a análise de Woodcock, os anarquistas não rejeitam a organização, porém o que eles abominam é a autoridade e o autoritarismo das organizações dentro da sociedade, que são estabelecidas através de leis rígidas e hierarquias.

Grandes expoentes discutiram propostas baseadas nas idéias anarquistas, como: Godwin, Bakunin, Proudhon, entre outros. Para William Godwin, a sociedade se desenvolvia naturalmente, ou seja, independente de um Governo. Ele repudiava qualquer sistema que dependesse do governo, para ele, a sociedade deveria ser simplificada, descentralizada, baseada na divisão voluntária dos bens materiais. O governo, segundo Godwin:

"(...) tem uma capacidade limitada para tomar os homens virtuosos ou felizes: é apenas na infância da sociedade que ele pode fazer alguma coisa; na maturidade, consegue apenas dirigir algumas poucas ações externas. Mas nossas disposições morais e nosso caráter dependem muito, talvez inteiramente, da educação" (WOODCOCK, 2002 p.67).

No que diz respeito a educação, Godwin ^{em} atribui extrema importância, por julgar que o caráter humano é determinado pelo meio e não pela hereditariedade. Ele acreditava, assim como todos anarquistas, que, se entregue a si mesmo, a mente humana tenderá a reconhecer o erro e a aproximar-se cada vez mais da verdade, ou seja, o homem a priori é perfeito, porque é movido pela razão. As idéias de Godwin foram importantes para o anarquismo, tanto que alguns anos após sua morte surgiu o movimento anarquista.

Bakunin, mais conhecido como um homem de ação, foi entre os adeptos das idéias anarquistas aquele que se portou com bastante coerência. Influenciado por Proudhon, sua tendência era a luta violenta, a destruição da sociedade formada por diferenças, injustiças e a divisão entre dominantes e dominados. Seu anseio era construir uma sociedade baseada na igualdade, porém para atingir tal meta seria necessário agir com violência, destruir a sociedade existente, ou seja, a revolução social não seria obtida por meios pacíficos.

Proudhon acredita que, à medida que o homem desenvolve sua capacidade de argumentar, ele se volta quase que imediatamente contra a autoridade, e assim surgem o protesto, a desobediência e finalmente a revolta. A rebelião é canalizada pelo aparecimento da ciência política e pela compreensão de que as leis que fazem funcionar a sociedade não decorrem da ação dos governantes, mas existem na natureza das coisas. A partir dessas idéias, surge a idéia da "anarquia", ou seja, o governo que não é governo.

Proudhon rejeita o governo e o proprietário improdutivo, por isso defende a igualdade econômica e as relações contratuais livres entre operários independentes. O pensamento de Proudhon tem um caráter sociológico que influenciou mais tarde o movimento anarquista organizado. Para Proudhon, a autoridade que o Governo/

3. UMA PROPOSTA LIBERTÁRIA EM EDUCAÇÃO

Segundo Nicolas Walter (2000), o movimento anarquista há mais de 100 anos vem propondo uma relação educacional baseada nas concepções libertárias. A educação anarquista propõe uma coeducação de sexos e classes, uma ruptura com os conhecimentos filtrados pelos dogmas e interesses da Igreja, que mantinham meninos e meninas em salas separadas e também separava a educação de ricos e pobres, pois aos ricos era oferecida a educação científica/intelectual, formando-os para os cargos dirigentes e aos pobres fornecia-se a aprendizagem parcial profissional, para assumir os cargos de subalternos.

Os anarquistas combateram esse modelo de educação e rejeitaram qualquer tipo de autoridade que limitasse a liberdade. A tradição anarquista visa uma promoção da educação pela autoformação coletiva, diferente das escolas tradicionais que conhecemos que, em sua maioria, tem sua formação organizada por leis rigorosas.

Com base no estudo realizado, podemos dizer que a sociedade esperada pelos anarquistas é uma sociedade livre, igualitária, solidária e autogestionária. A proposta educacional anarquista busca desenvolver um indivíduo que construa uma sociedade descentralizada, baseada na livre associação.

Para os anarquistas, as escolas regulares consagram a todo momento com suas práticas um regime de verdade, no qual a liberdade é liberdade apenas para cumprir leis estabelecidas.

“(…) deste ponto de vista anarquista, os valores de liberdade, igualdade e solidariedade que a escola regular vive, estão dentro de uma ordem hierárquica cuja lógica é desenvolvida por aqueles que não a determinaram(…)”(LUENGO, 2000, p.10).

A escola autogestionária resolve, segundo Luengo(2000), a dicotomia entre escola privada confessional e escola estatal que visa atingir os preceitos do sistema

liberal capitalista. Uma escola autogestionária opõe-se à uniformidade e a burocratização crescente que promove a estatização da educação e do ensino. Ela propõe, em sua prática, uma participação igualitária, sem lucro privado e especialistas privilegiados, tendo como objetivo primordial o não servir ao capitalismo privado nem à burocracia estatal.

A educação autogestionária é uma educação que se opõe à educação produtivista, competitiva e discriminadora, pois a todo momento almeja uma educação integral e igualitária, baseada no apoio mútuo, que estimule e aceite a diversidade e a criatividade de cada pessoa.

A solidariedade na educação libertária é uma alternativa para a competição, pois ela faz com que cada pessoa deixe algo de si mesma para quem a rodeia. Educar pressupõe ajudar a pessoa a amadurecer, facilitando e auxiliando nas crises do dia a dia, para que a mesma possa se construir como um ser novo.

A educação libertária deve oferecer, no campo da estrutura social, um modelo diferente, com o intuito de difundir o cooperativismo, como um meio alternativo para a organização da economia e do trabalho. Porém não deve se alienar aos modelos imperantes, pois é conhecendo e com inteligência que resolveremos as distintas opções que a sociedade nos oferece e que são, em sua maioria, opostas ao sentimento e pensamento cooperativos.

“A educação libertária deve ensinar a explorar o poder que cada pessoa possui, mas com uma concepção contrária ao uso e abuso deste poder, estudando seus limites a partir dos parâmetros do respeito e da solidariedade.”(MONTEIRO, 2000, p.59)

A cultura libertária é transmitida através das vivências e experiências cotidianas, por meio das quais se introjetam os princípios básicos da filosofia e da ética anarquista. A igualdade, por sua vez, deve estar nos direitos, na liberdade, nas

responsabilidades de cada um, lembrando que igualdade não pressupõe que todas as pessoas tenham que receber o mesmo, visto que uma é diferente da outra.

Um dos pontos interessantes do movimento anarquista é a preocupação com a educação, não apenas das crianças, como também dos adultos, pois eles criaram, nas primeiras décadas do século XX, ^{no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro} o Centro de Cultura Social e a Universidade Popular. Isso nos mostra como a proposta do movimento anarquista pode contribuir para as reflexões pedagógicas atuais.

Na proposta pedagógica libertária, os conteúdos dos currículos devem ser organizados pelos educadores, ou seja, eles não devem se prender a livros didáticos, pois precisam, enquanto educadores, trabalhar os valores que serão transmitidos.

A função dos educadores, por sua vez, é fazer sentir a necessidade de recuperar e enriquecer a curiosidade sobre o mundo, sobre as pessoas e suas formas de comunicação, pensamento e interesse.

No Brasil, a experiência da educação libertária proposta pelos anarquistas aparece por influência de Ferrer y Guardia, que cria a Escola Moderna na Espanha. O anarquismo tem como ponto principal de análise a conscientização para a negação do Estado. Com isso, o movimento anarquista busca uma escola que combata a hegemonia do Estado.

Na educação proposta por Ferrer y Guardia, as ciências naturais e o estudo das noções positivas e verdadeiras deveriam ser ensinados a partir de experiências e de demonstrações racionais, para que a criança desenvolvesse um espírito dedutivo e observador. Na Escola Moderna, a aprendizagem prática era muito importante, inclusive é necessário ressaltar que nesta escola o jogo, que hoje é um recurso utilizado em muitas propostas educacionais, era um importante recurso pedagógico,

?
-
de "coisa"
do!

pois ele era capaz de despertar no aluno a imaginação e o sentido social, ajudando de maneira significativa para a compreensão, a tolerância, a solidariedade e a aceitação do outro.

A proposta dos anarquistas para a formação do educando na educação básica busca criar um alicerce para conscientização crítica, a mudança de valores e costumes vigentes na sociedade excludente. De acordo com Tragtenberg (1990), a escola racionalista de Ferrer y Guardia pregava a coeducação de sexo e de classes e preocupava-se com a difusão cultural junto ao povo. Para Ferrer y Guardia, a escola era um centro sereno de observação e pesquisa, onde dever-se-ia formar pessoas justas e livres de todo e qualquer preconceito.

Percebemos com isso, que a proposta de Ferrer y Guardia é mostrar às novas gerações as causas reais do desequilíbrio social. E para isso, seria necessário substituir o estudo dogmático pelo estudo racional com base nas ciências sociais.

Ferrer y Guardia pregava a hegemonia da pedagogia individual sobre a oficial e, para isso, era necessário trabalhar pela transformação das escolas tradicionais, mostrando sua inadequação às exigências profundas do educando, e a fundação de novas escolas que aplicassem os princípios que levariam à formação de sujeitos autônomos, críticos e solidários. A luta de Ferrer y Guardia era fazer com que a escola deixasse de reproduzir o poder vigente.

Segundo Tragtenberg (1990), para Ferrer y Guardia os professores são instrumentos conscientes ou inconscientes das vontades dos que detêm o poder. A escola oprime os opressores e os oprimidos; sendo assim, o saber opera como tradução do poder. A educação racional opera como mecanismo de defesa contra os preconceitos e a ignorância a serviço do poder político e econômico. Na escola Moderna proposta por Ferrer y Guardia, havia uma preocupação de desenvolver as

faculdades da infância, sem sujeição a padrões dogmáticos. A finalidade é tornar cada aluno seu próprio mestre, enfrentando a existência com responsabilidade pessoal.

Na escola racionalista libertária o exame para avaliação é abominado, pois a mesma só serve para a satisfação dos pais e dos professores. “A situação do exame apresenta-se para Ferrer como um tribunal inflexível onde o educando sofre temendo interrogatório, constituindo o símbolo do atual sistema de ensino” (TRAGTENBERG, 1990, p.117/118). A nota nada mais é do que uma flagrante injustiça, pois sacramenta a desigualdade. A proposta da escola racional libertária é ensinar sem nada esperar de nenhum ser privilegiado, mas sim, esperar tudo de si próprio e da solidariedade livremente aceita e organizada.

Desde o meado do século XIX, que o movimento anarquista demonstra vivo interesse pelos assuntos educacionais, preocupando-se, especialmente, com o papel da educação no processo de mudança da sociedade. Os anarquistas partiam do princípio de liberdade, sendo contra todo o gênero de opressão e recusavam-se a exercer qualquer forma de coerção.

O ensino, na proposta do movimento anarquista, deveria ser *integral*, ou seja, favoreceria ao desenvolvimento de todo o indivíduo, fornecendo um conjunto completo de todos os domínios do conhecimento intelectual, físico, manual e profissional desde dos primeiros anos educacionais; *racional*, isto é, fundamentado na razão e conforme os princípios da ciência atual; *libertário*, ou seja, consagraria a liberdade e eliminaria qualquer tipo de autoridade imposta. Os princípios da educação racionalista, propostos por Ferrer y Guardia, estavam de acordo, em suas linhas básicas, com as propostas defendidas pelo movimento anarquista no Brasil.

No Brasil, ressaltamos a importância da Escola Moderna nº1 em São Paulo, no início do século XX. Ela se destacou por sua organização e durante sete anos pode desenvolver sua proposta de ensino. À frente de sua direção estava o professor João Penteadó, partidário da corrente kropotkianiana do anarquismo.

A Escola Moderna Nº1 inspirou-se nos princípios educacionais de Ferrer y Guardia. Ela defendia um ensino baseado na coeducação social. De acordo com a obra de Flávio Luizetto, devido a dificuldade de reunir documentos, existem algumas lacunas e incertezas no que se refere a coeducação social.

Na Escola Moderna nº1 eram oferecidos três cursos: primário, médio e adiantado, no período diurno e noturno. O curso primário compunha-se das seguintes matérias: rudimentos de Português, Aritmética, Caligrafia e Desenho. O curso médio de: Gramática, Aritmética, Geografia, princípios de Ciências, Caligrafia e Desenho. E no curso adiantado era oferecido Gramática, Aritmética, Geografia, Caligrafia, Desenho e Datilografia. Além de cursos de trabalhos manuais.

O objetivo da Escola Moderna Nº1, que encerrou suas atividades na capital de São Paulo em 1919, era uma educação aliada a uma instrução racional e verdadeira, assim como, o modelo espanhol proposto por Ferrer y Guardia, a escola almejava:

“(...) educação aliada a uma instrução de acordo com a razão e com a verdade, (...) cultivar os sentimentos de amor pela paz, pela instrução, pelas letras e pela humanidade, fazendo despertar na infância o desejo de uma vida fraternal, humano, livre dos prejuízos resultantes das convenções sociais” (O INÍCIO³, apud LUIZETTO, 1986, p36).

Segundo Luizetto, os anarquistas não priorizavam o desenvolvimento da humanidade através do progresso, mas acreditavam que dependia de cada um o aperfeiçoamento contínuo. Vários questionamentos marcaram a presença do

³ Órgão dos alunos da escola Moderna Nº1.

movimento anarquista nos assuntos educacionais, entre eles destacamos as constantes críticas à educação religiosa e a condenação da falta de unidade no ensino, dividido entre “educação científica” e “educação profissional”, que beneficiava a ordem social vigente.

De acordo com Luizetto (1986), diversos autores criticam o tipo de instrução que divide os burgueses e os trabalhadores. *“Aquele que sabe mais dominará naturalmente aquele que sabe menos”* (BAKUNIN, apud LUIZETTO, 1986, p.23). Um dos grandes marcos do movimento anarquista no Brasil, segundo Luizetto (1986), foi o programa educacional elaborado pelo Comitê para o Ensino Anarquista. O programa educacional foi caracterizado pela radical condenação do sistema educacional vigente e a formulação de modo sistematizado dos pressupostos que deveriam orientar a educação libertária, cujos objetivos e métodos divergiam completamente daqueles aplicados na educação oficial e dogmática.

Para Gallo (1995), a educação libertária trabalha para destruir a padronização dos indivíduos, proliferando a singularidade de cada um, assim como a criatividade e as diferenças. Só assim, segundo ele, pode compor através de uma cooperação e solidariedade uma verdadeira totalidade social. Com isso, percebemos que a idéia da sociedade anarquista foge dos padrões estabelecidos pela sociedade capitalista, que visa a padronização dos indivíduos, a partir da escola.

A educação e liberdade, do ponto de vista libertário, soam como fenômenos estreitamente ligados, e indissociáveis, pois a liberdade deve ser fruto de uma construção coletiva, conseqüentemente, um aprendizado contínuo. Ao mesmo tempo em que a liberdade desempenha um papel fundamental na educação, também a educação desempenha uma importância fundamental na conquista e construção da liberdade. Para os anarquistas, a construção de uma sociedade

libertária passa pelos mecanismos de poder, que precisam ser exterminados, pois os mesmos só adquirem sentido na desigualdade. A construção da liberdade significa conseqüentemente a dissolução do poder e seu desaparecimento definitivo.

Percebemos, então, que a meta da educação anarquista é a criação de indivíduos críticos, conscientes e criativos abertos para a complexidade social.

A escola para os anarquistas, com base em Rodrigues (1992), não podia ser uma escola profissionalizante, que condiciona o aluno à submissão e à obediência. A escola precisava sim, alargar as fronteiras do conhecimento humano, formando personalidades boas, sem temores seja político, religioso, econômico, hierárquico, físicos e psíquicos. A escola proposta pelos anarquistas tinha a pretensão de formar um ser humano educado, culto, despido de ódio, rancor, de inveja e ambições. Um indivíduo amigo da razão e da verdade, com capacidade para se autogovernar, gerir seus atos, ser livre, cultivando a liberdade diariamente, dentro da coletividade, sendo irmão de seus semelhantes.

4. A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NO SÉCULO XXI

Com base em todo conteúdo analisado sobre a educação libertária, busco no desenvolvimento desse terceiro capítulo, verificar a relevância de uma proposta educacional pautada na proposta libertária. No Brasil, encontramos duas escolas no Estado de São Paulo, que trabalham com uma proposta libertária em educação: a escola Lumiar localizada em Bela Vista e a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, situada no Butantã, ambas constroem uma versão brasileira de educação libertária, inspirada no projeto português da Escola da Ponte.

Escolhi a Escola da Ponte, situada em Vila das Aves, a cerca de 30Km da cidade do Porto em Portugal, como objeto de pesquisa, por considerá-la fonte de inspiração das escolas brasileiras que seguem uma proposta de educação libertária, seu projeto educativo inovador tem sido referência de boas práticas educacionais. Ressalto, ainda, o meu desejo de um dia poder conhecer a escola com que sempre sonhei sem saber que ela pudesse existir.

A mudança da proposta pedagógica da Escola da Ponte teve início em 1976, dois anos após a Revolução dos Cravos, que derrubou o regime salazarista em Portugal, sob o comando de José Pacheco, que dirige a instituição até hoje.

Incomodados com a prática existente na escola, pais, professores e alunos começaram a construir um novo projeto pedagógico, pois a que existia não funcionava, os professores precisavam mais de interrogações do que de certezas, era preciso repensar a escola. De acordo com José Pacheco, só pode haver um projeto quando todos se conhecem entre si e se reconhecem em objetivos comuns, pois da mesma maneira que há alunos com dificuldades de aprendizagem, também há professores com dificuldade de ensino.

Os professores, na Escola da Ponte, buscam proporcionar às crianças a compreensão do “porquê” e “para quê” do seu esforço e, assim, implicá-las num processo de autoformação. O objetivo é valorizar a reflexão e a capacidade de análise crítica, incentivando nos alunos hábitos de permanente procura. Todos na comunidade escolar trabalham junto, nenhum professor é professor de alguns alunos, é professor de todos os alunos. Os professores transitam pelos diferentes espaços de tempos em tempos, de maneira que possam trabalhar com todos os educandos. No entanto, eles têm sempre o cuidado de assegurar a continuidade ^{do} ~~do~~ ^{das atividades} trabalho que estão desenvolvendo, não havendo quebras acentuadas no ambiente de trabalho.

O espaço escolar está sempre disponível a todos os alunos, ao longo de todo o tempo de funcionamento da escola, assim facilita a mobilização integrada das estruturas curriculares e paracurriculares, de acompanhamento e de socialização, estimulando também a participação na experiência pedagógica colocando, assim, ênfase na aprendizagem dos processos e dos conteúdos, enquanto estratégia de aprender a aprender.

Hoje, a Escola da Ponte está pautada na autonomia dos alunos, apesar de estar inserida no sistema oficial de ensino, ^e com isso, tem ^{se} deparado com muitas barreiras quanto ao reconhecimento das virtualidades de uma aprendizagem alicerçada em valores como a solidariedade e a co-responsabilidade dos educandos. Mesmo enfrentando diversas dificuldades, a Escola da Ponte é hoje um modelo pedagógico que serve de inspiração para diversas escolas em todo o mundo.

Na Escola da Ponte os alunos estão organizados em grupos heterogêneos, não estão distribuídos por turmas, nem anos de escolaridade, todos os alunos trabalham com todos professores, não há lugares fixos ou salas de aula, pois o edifício escolar

é em área aberta, facilitando o acesso de todos na comunidade escolar. A disposição espacial ampla faz com que a escola seja uma "oficina de trabalhos", para uma *praxis* social de integração do meio na escola e da escola na vida, aliando o saber ao saber fazer.

Os alunos que entram para o 1º Ciclo na Escola da Ponte começam por partilhar um espaço chamado de "iniciação". Neste espaço as crianças aprendem os rudimentos de leitura e escrita, por meio do método natural, ou seja, os professores trabalham com as experiências de vida dos alunos. Estes aprendem a autonomia nas diversas áreas do currículo, assim como aprendem trabalhar em grupo e a ser cidadão.

Na "iniciação", os próprios alunos elaboram conjuntamente com um dos professores um plano que é negociado entre todos. A partir do primeiro ano, os alunos já constroem seu currículo, pois desde a "iniciação" o aluno produz textos escritos.

O que distingue a "iniciação" dos níveis restantes é o modo como se faz a planificação e o grau maior de intervenção dos professores. A partir do momento em que a criança aumenta seu grau de autonomia, o que lhe permite a socialização em pequeno grupo, ela começa a participar de pequenos jogos assistidos por colegas voluntários sem, contudo, sair do espaço da "iniciação".

Quando são capazes de ler e escrever com alguma correção, de efetuar cálculos elementares e de ajudar e ser ajudado, passam ao espaço de "transição", que se caracteriza pelo reforço do trabalho de grupo e da pesquisa. Nessa fase os alunos aprendem a elaborar o seu plano individual.

Quando já são capazes de trabalhar em grupo, efetuar pesquisas, de fazer auto-avaliação, bem como de dominar um determinado número de objetivos nas

diferentes áreas do currículo, passam a gerir autonomamente o seu tempo e espaço de aprendizagem naquilo que os alunos designam por “trabalhar em liberdade e com categoria”.

Na fase de “desenvolvimento” os alunos trabalham com total autonomia, no início de cada quinzena, elaboram o seu plano negociado com os colegas e professores. Diariamente elaboram planos individuais, tendo em conta interesses pessoais, de grupo e de escola, em função dos projetos em desenvolvimento. No final de cada quinzena procedem à auto-avaliação do plano, para juntos melhorarem naquilo que for preciso. A autonomia na Escola da Ponte encontra sua expressão máxima nas atividades realizadas pelos alunos. Essas atividades, por serem planejadas pelos alunos e orientadas pelos professores, potenciam os trabalhos autônomos de auto-aprendizagem, permitindo que o aluno construa o seu conhecimento de maneira participativa e ativa.

Em relação à avaliação, é totalmente abolido o mecanismo de aprovação e reprovação, que tem a função de padronizar o processo de aprendizagem dos alunos. A Escola da Ponte busca, a cada dia, proporcionar uma programação flexível e adequada ao progresso dos alunos, ao longo do ciclo de estudo. No plano curricular, a gestão das aprendizagens é de responsabilidade de cada criança, sujeita, embora, a orientações definidas de forma partilhada numa unidade de planeamento de base quinzenal.

Todo o planeamento curricular subordina-se ao quadro de objetivos afixado nas paredes das salas. O plano de estudo é o mesmo para todos os alunos, mas há adaptações no currículo para cada aluno, de acordo com suas necessidades e capacidades.

De acordo com Canário (2004), a avaliação das aprendizagens é feita quando o aluno sente-se preparado. A Auto-avaliação acontece quando alguém sente a necessidade de manifestar ou aplicar conhecimentos adquiridos, expor competências etc. A aprendizagem processa-se, na maioria das vezes, em trabalho de pesquisa, não sendo igual para todos. Se um aluno não consegue concretizar seus objetivos, ele pode recorrer à ajuda do grupo ou pode pedir uma aula direta a um professor.

Na Escola da Ponte, o currículo escolar é entendido como um conjunto de situações e atividades que surge de um trabalho conjunto de alunos e professores. A educação na Escola da Ponte é mais do que um caminho, é um percurso feito de acordo com cada aluno e partilhado por todos.

O currículo na Escola da Ponte não existe em função do professor, ao contrário, o aluno é que é o verdadeiro sujeito do currículo. As atividades mais importantes de acordo com Alves(2001), não são ensinadas por meio de aulas bem elaboradas, mais sim ensinadas inconscientemente.

O rompimento com o método tradicional de ensino teve conseqüências também quanto ao repensar o trabalho docente, pois dentro de uma proposta libertária para a educação não cabe o trabalho isolado, mas sim um trabalho em conjunto, ou seja, em equipe.

A cada dia os professores preparam-se para responder a tudo o que for necessário e, para enfrentar as imprevisibilidades. Preparam-se em equipe todas as tardes para avaliar o trabalho realizado e preparar as atividades do dia seguinte. Diferente das escolas tradicionais, não se elabora um plano anual, já que este depende dos trabalhos que serão desenvolvidos ao longo do ano.

No que diz respeito à organização do tempo, a escola opta por um modelo de dia escolar integral (ausência de turnos), para, assim, evitar fraturas na organização do trabalho. O dia escolar integral facilita a adoção de processos de organização e gestão participativa do tempo e do espaço e_x a sua apropriação por parte da população escolar.

A família é parte fundamental do projeto da Escola da Ponte, há uma associação de pais que constrói uma parceria indispensável na interlocução entre escola e família. Ambos, escola e família participam de encontros mensais para avaliação e propostas de projetos. A associação de pais da Escola da Ponte é uma referência a nível Nacional.

Na escola da Ponte, todos os alunos decidem democraticamente quais são os Direitos e Deveres que consideram fundamentais, esta é uma das primeiras tarefas da Assembléia de Escola. Os alunos fazem uma lista de todos os direitos e deveres que consideram importantes e, em conjunto selecionam no debate, onde se discute quais são os que se adaptam efetivamente à finalidade pretendida. Depois de selecionarem são votados na Assembléia da Escola.

No domínio das relações interpessoais e do equilíbrio efetivo dos alunos, o quadro de direitos e deveres regula todo o sistema de relações, que é proposto e aprovado pela Assembléia da Escola, no início de cada ano letivo. A organização de meios e a gestão do bem-estar são de responsabilidade coletiva, de acordo com categorias de tarefas a que se dá o nome de Responsabilidade. A cada quinze dias todos os grupos de todas as responsabilidades apresentam na Assembléia o relatório com tudo o que fizeram.

A escola ainda conta com uma Comissão de ajuda, constituída pelos próprios alunos, esta Comissão destina-se a resolver problemas mais graves que são

colocados na Assembléia. Os componentes dessa comissão^x são escolhidos pelos membros da mesa da Assembléia e pelos professores. Esta Comissão de ajuda constitui um instrumento de auto-regulação e de responsabilização muito importante. As decisões da Comissão baseiam-se nos Direitos e Deveres que os alunos elaboram e se comprometem a respeitar.

Na Escola da Ponte procura-se agir de maneira que incentive a todos a incessante descoberta no campo da vida social, familiar, intelectual, científica e etc. Os espaços da Escola da Ponte ^{são} ~~é~~ fonte permanente de informação, segurança, interrogações e afeto. Tanto os alunos quanto os professores trabalham com diferentes instrumentos que os auxiliam no dia a dia. A Internet é hoje um recurso^x utilizado na Escola da Ponte, assim como a biblioteca, por exemplo, que foi constituída com coleções temáticas, manuais oferecidos por editoras, gramáticas, prontuários, dicionários, jornais, revistas, roteiros, álbuns, etc. Mesmo com esse acervo, os alunos recorrem, às vezes, às bibliotecas da Autarquia⁴, de familiares, de vizinhos ou de Associações locais.

A Escola da Ponte lançou em maio de 2003, o primeiro livro de textos poéticos escritos pelos alunos, intitulado “Jardim da Poesia”, que contou com a presença do grande educador e poeta brasileiro Rubem Alves em seu lançamento.

Hoje a escola tem o seu próprio jornal, denominado “Dia-a-Dia” que é desenvolvido pelos alunos^x ~~que~~ ^é circula mensalmente, com os temas de interesse ou sugeridos pela comunidade escolar. O jornal “Dia-a-Dia” acaba sendo uma forma motivadora para que os alunos escrevam, assim como^x um meio de comunicação entre a escola e a comunidade ao entorno dela.

⁴ De acordo com Minidicionário da Língua Portuguesa, Autarquia significa: Autonomia; governo autônomo.

A Escola da Ponte trabalha com grupos heterogêneos, e a inclusão, onde cada grupo deve incluir um aluno que tenha mais necessidade de cuidados. Isso é uma rotina do dia a dia, aqueles que sabem mais ensinam as crianças que não sabem. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, que expressa solidariedade, pois mais do que aprender saberes, os alunos aprendem valores e ética.

A Escola da Ponte tem sido caracterizada pela desconstrução dos sujeitos de aprendizagem, com uma reinvencão do ofício de aluno que promove e resgata a criança em cada um. Contrariamente à concepção dominante, a criança nesta escola é considerada como um ator social produtivo que participa efetivamente do trabalho pedagógico, pois tanto a criança/aluno como o aluno/criança tendem a equívaler-se. Com isso, o aluno na Escola da Ponte é antes de tudo uma criança formada para exercer a cidadania de maneira plena, desde a infância.

Compreendemos a partir daí que, para exercermos a cidadania, é fundamental compreendê-la e vivê-la a todo momento. Entendemos, então, porque na Escola da Ponte cada criança age como participante solidário de um projeto de preparação para a cidadania.

De acordo com Alves (2001), a Escola da Ponte não é apenas um ambiente amigável e solidário de aprendizagem, ela é verdadeiramente uma comunidade educativa que sonha e luta por uma sociedade diferente. Percebemos que tantos os "miúdos" quanto os "graúdos" devem ser ouvidos para saber o que pensam e o que sentem, pois na vida social o que deve ser essencial é a renúncia da vontade individual pela vontade coletiva.

Fecho esse capítulo com uma poesia⁵, que acredito que resume tudo aquilo que sufocam os alunos e, algumas vezes, os professores, porém os olhos do sistema de ensino tradicional não alcançam ou não querem enxergar. A Escola da Ponte vem nos mostrar que podemos sonhar e acreditar em uma escola/sociedade diferente, ou seja, que há utopias realizáveis.

Não cobiço nem disputo os teu olhos
não estou sequer à espera que me deixes ver através dos seus olhos
nem sei tampouco se quero ver o que vêem e do modo como vêem
os teus olhos
nada do que possas ver me levará a ver e a pensar contigo
se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar
comigo
Não me digas como se caminha e por onde é o caminho
deixe-me simplesmente acompanhar-te quando eu quiser
Se o caminho dos teus passos estiver iluminado
pela mais cintilante das estrelas que espreitam as noites e os dias
mesmo que tu me percas e eu te perca
algures na caminhada certamente nos reencontraremos
Não me explique como deverei ser
quando um dia as circunstâncias quiserem que eu me encontre
no espaço e no tempo de condições que tu entendes e dominas
Semeia-te como és e oferece-te simplesmente à colheita de todas as
horas
Não me prendas as mãos
não faças delas instrumentos dócil de inspirações que ainda não vivi
Deixe-me amiscar o molde talvez incerto
deixe-me amiscar o barro talvez impróprio
na oficina onde ganham forma e paixão todos os sonhos que
antecipam o futuro
E não me obrigues a ler os livros que eu ainda não adivinhei
nem queiras que eu saiba o que ainda não sou capaz de interrogar
Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer da
descoberta
E com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus
gestos
ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida.

⁵ Poesia retirada do prefácio escrito por Ademar Ferreira dos Santos, no livro de Rubem Alves "A Escola com que sonhei sem imaginar que pudesse existir".

5. CONCLUSÃO

Busquei estudar a educação libertária com o intuito de ampliar novos horizontes para uma nova perspectiva educacional. Trabalhar com uma proposta libertária implica discutir diversos fatores relevantes, pois ela pode ser um modo de internalizar o valor da liberdade e uma nova possibilidade de aprendizagem alternativa, que conduz a uma mudança social, como também pode cair simplesmente na formação individual, que não busca uma mudança substancial da sociedade vigente.

Percebemos, no decorrer de nossas análises, que muitas pessoas acreditam até hoje que o anarquismo, ou melhor, dizendo, a palavra "Anarquia", significa desordem, bagunça, confusão. Porém, a palavra *anarchos* em grego, pode ser usada para definir desordem, como também sociedade sem governo, sem autoridade.

Tomando como ponto de partida a reflexão teórica que realizamos, acreditamos que a proposta educacional do movimento anarquista foi e, pode ser até hoje, uma base para refletirmos sobre um novo sistema político e social e também fazermos a desconstrução de um poder explorador e excludente.

Na concepção anarquista, o indivíduo é desenvolvido para que se perceba como ser humano livre, sem se deixar explorar, oprimir, independente e consciente de seus direitos e deveres.

Consideramos relevante o resgate da história do movimento anarquista e de sua proposta pedagógica, pois a mesma nos permite refletir sobre a base ideológica da educação brasileira atual. E ainda nos ajuda a ter um olhar crítico e reflexivo para almejar uma nova proposta educacional, que acabe com a exploração do homem pelo homem, no mundo capitalista em que vivemos.

Acreditamos que a educação libertária tem muito a contribuir para nossa sociedade e que podemos alcançar uma prática educativa diferenciada e revolucionária, a partir de nossa conscientização enquanto cidadãos.

Precisamos desnaturalizar a educação que nos foi imposta por todo esse tempo, é necessário o quanto antes esquecermos e nos livrarmos do jeito de ser que se sedimentou em nós e que nos levou a crer que tudo deve ser do jeito que é. O modelo tradicional de escola nos vedou os olhos, ela não nos permite ver e reconhecer a novidade no que já existe, menos ainda sonhar e desejar o que pode ser possível existir.

No final desse trabalho, buscamos enfatizar o papel que devemos exercer em nossa sociedade, enquanto futuro (a) educador (a) é necessário, a cada dia, em nossas salas de aulas, utilizarmos estratégias que permitam transformar a informação dos nossos educandos em conhecimentos, bem como realizar a troca de conhecimento com toda comunidade escolar.

O professor (a) deve ser aquele que aguça a curiosidade, que ajuda a resolver problemas, que estimula e confia na potencialidade de seu aluno, respeitando seus limites e suas ousadias, no que diz respeito a descoberta do novo.

Não posso deixar de ressaltar a perspectiva de liberdade que cada aluno tem por direito, porém acredito que a liberdade não é só para as crianças como também para toda comunidade escolar.

Almejamos, com esse trabalho, despertar cada leitor a repensar o sistema educacional atual, e mais do que apontar possíveis soluções gostaria enquanto eterna aluna que sou e futura educadora que me preparo e disponho a ser, a repensar e desconstruir alguns conceitos que foram impostos como legítimos em toda minha trajetória acadêmica. OK!

É muito triste perceber o quanto somos oprimidos e opressores no espaço escolar, onde somos obrigados a todo momento a sermos iguais, negando assim a nossa possibilidade de existir como pessoa livre e consciente. A escola deveria ser um espaço de encantamentos e descobertas, tanto para os alunos quanto para os professores. Lendo o livro de Alves (2001), destacamos:

Quando entrei na universidade para ser professor senti-me muito importante. Com o passar do tempo fui sendo invadido por uma grande desilusão - tédio -, um cansaço diante da farsa. Partilhei da desilusão dos alunos que se sentiram muito importantes quando passaram no vestibular e até ficaram felizes quando os veteranos lhes raspavam o cabelo. Cabelo raspado é distintivo: "Passei! Passei". Não levou muito tempo para que descobrissem que a universidade nada tinha a ver com os seus sonhos. E essa é a razão por que fazem tanta festa e foguetório quando tiram o diploma. Fim do sofrimento sem sentido. (ALVES, 2001, P.65)

Por alguns instantes sentimos que é dessa forma que muitos saem das escolas e das universidades, aliviados, da fôrma quadrada em que foram obrigados a se adaptarem. Analisando a proposta da Escola da Ponte, percebemos que muitas coisas ainda podem ser feitas para mudar o sistema de ensino vigente.

A Escola da Ponte nos possibilita trilhar um novo caminho, um novo percurso e um novo sentido para as escolas, caminhos estes que não devem ter carteiras em fileiras; pedras chamadas de estrela no caderno; vento denominado silêncio e armadilhas estratégicas chamadas de aprovação/reprovação.

As escolas deveriam ser um espaço onde poderíamos errar de forma amparada, pois dessa maneira teríamos um contexto propício para a aprendizagem. O ato de aprender ocorre em resposta a um desejo, desejo de acertar aquilo que errou.

Em suma, a sociedade que esperamos alcançar no século XXI se fundamenta na liberdade com responsabilidade, na solidariedade e na igualdade. E isso, somente pode ser possível por meio de uma educação alicerçada em uma proposta inovadora

que desenvolva uma sociedade consciente dos seus direitos e deveres, individuais e coletivos.

6. REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.
- ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- BAKUNIN, Mikhail. *A instrução integral*. São Paulo: Imaginário, 2003.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Ed. Ver. E atual. Por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1996.
- CANÁRIO, Rui. *Escola da Ponte. Um outro caminho para a Educação*. São Paulo: Suplegraf, 2004.
- CARRÃO, Paulo. *A Pedagogia Anarquista Brasileira* – disponível no site: <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/educa/05pedagogiabrasileira.htm>
- GALLO, Silvio. *Anarquismo e Filosofia da Educação* - disponível no site: http://www.suigenerispro-br/edvariedade_anarquismo.htm
- GALLO, Sílvio. *Artigo publicado em Nuances - Revista do Curso de Pedagogia, Presidente Prudente: FCT UNESP, nº2, 1996.*
- GALLO, Silvio. *Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação*. Campinas: Papyrus, 1995.
- KASSICK, Neiva Beiron e KASSICK, Clóvis Nicanor. *Pedagogia Libertária na História da Educação Brasileira*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.
- LUIZETTO, Flávio. *O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº 1 (1912-1919)*. In: *Revista Educação e Sociedade*, UNICAMP, Campinas: SP, Cortez: CEDES, nº 24, ago 1986.

- LUENGO, Josefa e outros autores. *Pedagogia Libertária: experiências hoje*. São Paulo, SP: Imaginário, 2000.
- OLIVEIRA, Flávia Lúcia Casseres. *Escolas Anarquistas no Rio de Janeiro: uma concepção de educação integral?*. UNIRIO: Rio de Janeiro, 2004.
- RODRIGUES, Edgar. *Sobre educação e cultura libertária* – disponível no site: <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/educa/04culturalibertaria.htm>
- RODRIGUES, Edgar. *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia*. Achiamé: Rio de Janeiro, 1992.
- SCHMIDT, Afonso. *Colônia Cecília*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária. In: TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre a educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1990.
- TRINDADE, Francisco. *Proudhon: sobre a educação* – disponível no site: <http://www.franciscotrindade.com/pr/pr.htm>
- WALTER, Nicolas. *Sobre o Anarquismo*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2000.
- WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas*. Vol. I A Idéia. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- Disponível no site: <http://www.franciscotrindade.com/pr/pr.htm>
- Disponível no site: <http://revistacrescer.globo.com/Crescer/0,19125,EFC1047381-2216,00.html>
- Disponível no site: <http://www.eb1-ponte-n1.rcts.pt/indexfla.html>
- Disponível no site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u907.shtml>
reportagem do dia 31/08/2004



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : FERNANDA GONZAGA

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : EDUCAÇÃO ANARQUISTA :

UMA PROPOSTA LIBERTÁRIA PARA O SÉCULO XXI.

ORIENTADOR : ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Lígia Elortha Coelho

Nota : 9,0 (nove)

Considerações:

O trabalho de Fernanda tem, como mérito incontestável, o fato de discutir sobre temática pouco estudada nos Cursos de Pedagogia - a proposta de educação libertária. Nesse sentido, a autora buscou referências bibliográficas significativas, visando melhor com-

preceux seu objeto de estudo. Ao mesmo tempo, trouxe experiência e
diversidade atual, o fim de mostrar frutos de convergência entre a ex-
periência e os pressupostos básicos do pensamento libertário.

O estudo final consistiu de uma revisão textual e, também,
de uma sistematização / síntese das ideias discutidas, uma vez que
há afirmações e/ou ideias são repetidas ao longo dos capítulos.

Atribua à monografia a nota 9,0 (nove), parabenizando
Fernanda pelo tema escolhido, seriedade no trabalho desenvolvido
e esforço empreendido ao longo do curso.

Ótimo, Fernandinha!

Rafaelton

Segundo avaliador :

Professor orientador : Angela M^o Souza Martins

Nota: 10,0 (dez)

Considerações:

Fernanda empreendeu um grande esforço
de sistematização e estruturação de ideias. Fez
um trabalho que buscou efetivar uma
primeira síntese dos inúmeros textos que
leu e discutiu, ao longo de um ano e
meio. Dedicou-se às leituras e sempre
empreenhava-se em buscar novos textos
para o seu crescimento. Pelo seu esforço
e dedicacão, consigo-lhe nota 10,0 (dez).

Ok!!!

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ligia Martha Coelho

Nota : 10,0 (dez)

Considerações:

O trabalho apresenta os elementos principais de uma
etnogeografia, seguindo as normas da ABNT.

Lele

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	10,0	10,0	29	9,5

Rio de Janeiro, 12 DE DEZEMBRO DE 2005

FERNANDA GONZAGA
(NOME DO/A ALUNO/A)

(TÍTULO DA MONOGRAFIA)

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 12 de DEZEMBRO de 2005.

BANCA EXAMINADORA

Angela Maria Souza Martins
Prof. (Nome do professor) – Orientador

Luci Colthor

Prof. (Nome do professor/a)

Luci Colthor

Prof. (Nome do professor/a)

Rio de Janeiro
2005

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês AGOSTO 2005

Dia	9/08/2005			
Observações	PRIMEIROS ESCRITOS DA MONOGRAFIA			
Professor	<i>[Assinatura]</i>			
Aluno	<i>[Assinatura]</i>			

Mês Setembro 2005

Dia	05/09/2005	14/09/2005	26/09/2005	
Observações	DISCUSSÃO SOBRE OS 3 PRIMEIROS ITENS	INTRODUÇÃO COM TÍTULOS CONCLUSÃO DO 1º CAPÍTULO	E-MAIL - II CAPÍTULO	
Professor	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	
Aluno	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	

Mês OUTUBRO 2005

Dia	10/10/2005	24/10/2005	31/10/2005	
Observações	II CAPÍTULO REFORMULADO	1ª LEITURA DO III CAPÍTULO	REFORMULAÇÃO DO III CAPÍTULO	
Professor	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	
Aluno	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	

Mês NOVEMBRO 2005

Dia	04/11/2005	16/11/2005		
Observações	CONSIDERAÇÕES FINAIS	VERSÃO FINAL		
Professor	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>		
Aluno	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>		